

Considerações iniciais

Este trabalho é resultado das pesquisas³ realizadas no *Campus IV* da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), durante o desenvolvimento do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC/FAPEAL) intitulado “Ponciá Vicêncio: da invisibilidade feminina ao protagonismo literário, uma leitura Materialista Lacaniana da obra de Conceição Evaristo”, sob a orientação da professora Dra. Maria Betânia da Rocha de Oliveira.

Nesta pesquisa, analisamos a obra *Ponciá Vicêncio* (2017), de Conceição Evaristo, à luz do Materialismo Lacaniano. Por essa obra se inserir em um contexto plural e multicultural, a sua análise demanda uma abordagem concreta, mas que leve em consideração os aspectos intersubjetivos. Para tanto, situamo-la em um contexto sócio-histórico para que pudéssemos observá-la como uma materialidade constituída por um mecanismo que dirige a interação de seus elementos composicionais, em outras palavras, verificamos de que maneira os elementos da narrativa corroboram para a composição do enredo.

Partindo dos pressupostos do Materialismo Lacaniano, consideramos a estrutura da narrativa, por meio das marcas da linguagem, que atreladas à filosofia política e à literatura, revelaram quão fragmentado é o sujeito da modernidade. Sobre a constituição do ser, enquanto sujeito de uma sociedade, a teoria žižekiana afirma que a existência humana é marcada por uma eterna busca para preencher uma lacuna, um buraco, uma espécie de “falta” inconsciente, cujos resultados se traduzem em concepções ideológicas associadas à realidade posta.

A partir dessa concepção, Žižek (2006) apresenta o Simbólico, o Imaginário e o Real – a tríade lacaniana – como instâncias responsáveis pela composição do homem na sociedade, sempre num movimento que determina sua completude a partir da falta/excesso. Nessa perspectiva, analisamos a constituição da personagem protagonista Ponciá Vicêncio que, por meio de idas e voltas no fluxo de memórias, vivencia uma história de luta e de dor marcada pela escravidão dos seus antepassados.

1 Graduanda Bolsista do Programa de Iniciação Científica - PIBIC/FAPEAL do Curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). E-mail: adislane@alunos.uneal.edu.br.

2 Professora Titular do Curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) mariabetania.oliveira@uneal.edu.br

3 As pesquisas foram realizadas com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL).

Como caminho de estudo, optamos por uma pesquisa de abordagem qualitativa e de caráter indutivo, cuja finalidade foi observar a relação entre os fluxos de memória da protagonista e a diáspora africana que acompanham suas perdas, sonhos e desencontros, elementos estes que fazem alusão ao funcionamento da tríade: Simbólico, Imaginário e Real, responsáveis pela constituição de Ponciá enquanto ser social.

Nessa linha, averiguamos, principalmente, de que forma a estrutura da narrativa auxilia na construção do Imaginário, do Simbólico e aponta para a presença do Real, na história de Ponciá. Entre outros referenciais teóricos, utilizamos os estudos de Silva (2009; 2018), Oliveira (2022), Žižek (1992; 2006; 2011), entre outros.

Conceição Evaristo – o protagonismo da autoria negra

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu numa favela, na capital do estado de Minas Gerais, em 1946. Formou-se em uma Escola Normal (1970) e ingressou no magistério público quando se mudou para o Rio de Janeiro. Neste local, Conceição Evaristo deu início a sua graduação em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (1976), porém só concluiu no ano de 1989, em decorrência do falecimento da sua filha.

A autora recebeu o título de Mestra em Literatura Brasileira na Universidade Católica do Rio de Janeiro, no ano de 1990; e o título de doutora em Literatura Comparada na Universidade de Federal Fluminense, em 2011. Trabalhou como professora da rede pública e da rede privada de ensino superior e participa ativamente dos movimentos de reconhecimento da cultura negra.

Segundo Ramos e Ferreira (2011), a escrita de Evaristo está marcada por temas excluídos pela cultura hegemônica e também pelo cânone literário, como a condição da mulher negra na sociedade. O termo “excluídos” não se refere a temas que não existem ou não são falados na sociedade e/ou na literatura, mas sim, temáticas que são colocadas à margem. Conforme aponta Silva (2018, p. 31), compreendemos que “isso é a exclusão: o que se exclui não está ‘fora do sistema’ e sim relegado às margens deste: ignorado, calado, invisibilizado talvez, mas ainda dentro”.

Além disso, as suas obras discutem acerca da “linguagem diária de grupos subalternos, posicionados quase sempre à margem do discurso hegemônico”. Sua escrita vai de encontro à coisificação do povo negro, especificamente, da mulher negra, uma vez que Evaristo escreve sobre personagens negras de uma maneira que estas não assumam a posição de objeto designado, isso se dá, segundo Ramos e Ferreira (2011), pelas próprias vivências da autora. A partir desse pensamento, observamos a importância da escrita e da autoria feminina negra no

Brasil, pois, apesar de o sistema e os grupos elitistas tentarem colocá-la à margem, as mulheres estão resistindo.

Em uma entrevista concedida à Bárbara de Araújo Machado, em 2010, Conceição Evaristo relata que trabalhou como empregada doméstica e que sua conexão com a literatura sucede das casas onde sua família trabalhou, por exemplo, as residências dos escritores: Otto Lara Resende, Alaíde Lisboa de Oliveira e Henriqueta Lisboa. Conceição destaca a significação que há na escrita da mulher negra ao se reportar à Carolina Maria de Jesus, que viveu em favelas e publicou obras de grande importância como *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), onde relata suas vivências e lutas. Evaristo afirma que mulheres como Carolina transpõem o espaço que geralmente lhes é concedido:

Quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu também, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado. A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. Escrever e ser reconhecido como um escritor ou como escritora, aí é um privilégio da elite. (EVARISTO citada por MACHADO, 2014, p. 249).

Além disso, Conceição exalta a importância de a mulher negra escrever sobre mulheres negras para chocar com a maneira como são representadas na literatura canônica brasileira:

Uma leitura mais profunda da literatura brasileira, e suas diversas épocas e gêneros, nos revela uma imagem deturpada da mulher negra. Um aspecto a observar é a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para mulheres brancas em geral. (EVARISTO, 2005, p. 53).

Essa representação da mulher negra é refutada por meio de obras de escritoras femininas negras, como: Maria Firmina dos Reis, Geni Guimarães, Carolina Maria de Jesus, Miriam Alves, Celinha, Ana Cruz, Esmeralda Ribeiro, Lia Vieira, Conceição Evaristo, entre outras.

Evaristo, além de atuar como escritora literária, também é pesquisadora acadêmica, ela reforça, durante a entrevista concedida a Machado (2014), que enxerga a academia como um lugar de militância, um lugar onde se pratica o “saber é poder”; em sua opinião, pessoas não somente da elite populacional devem frequentar e atuar no ambiente acadêmico, pois quem sabe assim outras maneiras de saberes são aplicados, deixando de produzir apenas para classes mais favorecidas.

Em suas publicações, a autora sempre priorizou editoras voltadas à valorização da escrita negra. Machado (2014), fazendo uma análise do caminho editorial da autora, conclui

que Evaristo enfrentou impasses para publicar seus escritos. Isso se dá pelo fato de ela ser uma escritora negra brasileira, ou seja, ela se encontra em um lugar subalterno.

Conceição Evaristo iniciou as publicações de seus poemas e contos na série *Cadernos Negro*, em 1990. Em 2003, publicou o romance *Ponciá Vicêncio* (2003)⁴, que é considerado o primeiro romance da autora e narra, em *flashbacks*, a vida de uma mulher negra, descendente de escravos, que sai de uma vila no interior brasileiro em busca de melhores condições de vida. Depois da morte do pai, Ponciá vai morar na cidade. Nesse local, ela se depara com a dura realidade que pessoas como ela enfrentam na sociedade, uma vez que, mesmo após a abolição dos escravos, as pessoas negras não tinham muitas oportunidades. Ponciá passa por diversas situações de sofrimento, até que consegue reencontrar seus familiares e retorna à sua terra natal. A trajetória da vida da personagem será analisada à luz da tríade simbólica, a qual apresentaremos a seguir.

O Materialismo Lacaniano e a Tríade Simbólica

Esta pesquisa tem como principal linha teórica o materialismo lacaniano, teoria concebida pelo filósofo esloveno Slavoj Žižek. Oriundo de uma tradição filosófica política, Žižek procura entender as agruras sociais e políticas que atuam no mundo de hoje, através de pesquisas que ligam o materialismo dialético e histórico às ideias da psicanálise.

Segundo Žižek (2010, p. 12), o Materialismo Lacaniano mostra-se como um instrumento eficaz para compreender as dificuldades sociais. Este filósofo afirma que a existência humana é proveniente da própria ação humana dentro de um espaço, que seria a ordem Simbólica, no qual tudo que acontece é considerado resultante de uma “constituição não escrita da sociedade”, que comanda toda a conduta humana.

Segundo Oliveira (2022), Žižek considera a tríade borromeana como responsável pela realidade dos seres humanos, sendo constituída a partir de três níveis entrelaçados (Simbólico, Imaginário e Real). Esses três níveis (Tríade Lacaniana) estão num movimento que determina a completude do homem através de determinada falta/excesso.

Žižek (2010) explica que essa falta caracteriza a eterna e permanente busca do indivíduo para se ajustar às normas preestabelecidas, na realidade posta pela ordem simbólica. O pesquisador reitera que essa falta/excesso caracteriza uma existência constituída de lacunas.

4 A primeira publicação da obra *Ponciá Vicêncio* é datada de 2003. Nesta pesquisa, utilizamos a publicação de 2017.

Nessa perspectiva, analisamos as constantes buscas da personagem Ponciá, cujo movimento corresponde ao funcionamento da tríade lacaniana, atualizada pelo materialismo lacaniano.

Žižek (2010, p. 16-17) explica que o funcionamento da tríade pode ser comparado à dinâmica de um jogo de xadrez:

As regras que temos de seguir para jogar são sua dimensão simbólica: do ponto de vista simbólico puramente formal, “cavalo” é definido apenas pelos movimentos que essa figura pode fazer. Esse nível é claramente diferente do imaginário, a saber, o modo como as diferentes peças são moldadas e caracterizadas por seus nomes (rei, rainha, cavalo), e é fácil imaginar um jogo com as mesmas regras, mas com um imaginário diferente, em que esta figura seria chamada de “mensageiro”, ou “corredor”, ou de qualquer outro nome. Por fim, o real é toda a série complexa de circunstâncias contingentes que afetam o curso do jogo: a inteligência dos jogadores, os acontecimentos imprevisíveis que podem confundir um jogador ou encerrar imediatamente o jogo.

A existência do ser está atrelada ao funcionamento dessa tríade. Inicialmente, há regras que dão a dimensão simbólica e, como pertencem à estrutura da linguagem, atuam no campo do significante; o Imaginário também pertence ao campo da linguagem, pois se relaciona de acordo com o conceito/ideia que dirige os movimentos do ser dentro da ordem simbólica. Esse movimento mantém uma estreita relação entre o significante, em seus aspectos visuais/formais, e o significado em seus aspectos conceituais, cuja regras devem ser conhecidas por todos. (OLIVEIRA, 2022, p. 73). A instância do Imaginário é alterável, ou seja, assim como num tabuleiro de xadrez, se uma peça se perde pode ser substituída por um objeto aleatório.

Quanto ao Real, Oliveira (2022, p. 65), explica que ele é apresentado por um “excesso na realidade que nos circunda e que escapa do terreno seguro do Imaginário e do Simbólico”, sendo assim, seu acontecimento é sempre um choque, algo catastrófico. Em outras palavras, o Real é indizível, não pode ser traduzido em palavras, por isso não pertence ao campo seguro da linguagem.

A partir dessas concepções e destacando a forma como os indivíduos se ajustam e impõem suas escolhas, as instâncias da tríade lacaniana se caracterizam pelo entrelaçamento perfeito entre as partes que, segundo Lacan, formam a imagem do nó borromeano, que corresponde à imagem de três anéis entrelaçados “inseparáveis” entre si: a ruptura de um provoca o desligamento de todos. Lacan, em seu Seminário RSI (1974-1975), afirma que a única forma de dar uma medida comum às três instâncias da tríade seria por meio do nó borromeano que “amarra” o Simbólico, o Imaginário e o Real. É esse nó – o perfeito entrelaçamento entre os três níveis – que garante o movimento da vida humana. Em outras palavras: as imagens construídas no plano do Imaginário sustentam o Real na dimensão Simbólica; se uma das três instâncias se “solta”, toda a estrutura (e, portanto, a psique) se desintegra. (OLIVEIRA, 2022, p. 65).

Seguindo essa perspectiva teórica, apresentamos, a seguir, a personagem Ponciá Vicêncio como um ser que permanece em constante movimento entre a falta e o excesso que caracteriza a vida humana dentro da tríade lacaniana.

Do Simbólico ao Imaginário: o Real na trajetória da personagem Ponciá Vicêncio

O Simbólico pode ser visualizado na vida da personagem principal e na vida de seus antepassados, ou seja, no lugar destinados a eles na sociedade. Mesmo sendo ex-escravos, eles não têm seus direitos garantidos e vivem à mercê de um sistema que continua os oprimindo. Apesar de libertos, o termo “escravidão” persiste na realidade, uma vez que não são dadas as oportunidades dignas ao povo negro. Há muitas passagens que comprovam a submissão e a falta de perspectivas a que era submetido esse povo, conforme destacamos abaixo.

[...] a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e, depois, a maior parte das colheitas serem entregues aso coronéis. [...] luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer todos os dias. (EVARISTO, 2017, p. 30).

Nesse sentido, a existência do ser está condicionada aos seus movimentos que são estruturados a partir das instâncias do Simbólico e do Imaginário. O Simbólico corresponde ao conjunto de regras, leis ou normas de uma sociedade, ou seja, em Ponciá Vicêncio, refere-se aos princípios estabelecidos para os negros durante o processo de colonização presentes até os dias atuais.

A realidade posta da personagem e de sua gente está situada na linguagem de submissão e de opressão a que foram/são submetidos os negros. Essa realidade é social e culturalmente determinada por um modelo patriarcal de dominação dos mais fortes sobre os mais fracos: “Na assinatura dela a reminiscência do poderio do senhor, um tal coronel Vicêncio. O Tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens” (EVARISTO, 2017, p. 26-27).

A instância do Simbólico pode ser explicada por meio das consequências do processo de escravidão presentes na narrativa, a partir da expressão “Coronel Vicêncio”. Esse nome atua como um registro de que aquele povo não tinha uma identidade própria, ou seja, pertencia a um homem branco e socialmente superior.

Nessa perspectiva, Ponciá carregava essa realidade, a de um passado com o qual era impossível se reconciliar. Apesar disso, buscava estabelecer uma relação entre a vida privada de toda liberdade e a falta de perspectiva em uma vida mais justa, pois vivia sob o jugo da

escravidão. A realidade a conduzia a repetir os passos de seus antepassados, mesmo após a assinatura da carta de alforria. Portanto, compreendemos que o nome da personagem funciona dentro do Simbólico como uma carga da tradição escravagista que oprimiu seus antepassados e da qual ela desejava se libertar.

Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô de seu avô, o homem que ela havia copiado de sua memória para o barro e que a mãe não gostava de encarar. O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela a reminiscência do poderio do senhor, um tal coronel Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens. E Ponciá? De onde teria surgido Ponciá? Por quê? Em que memória do tempo estaria escrito o significado do nome dela? Ponciá Vicêncio era para ela um nome que não tinha dono. (EVARISTO, 2017, p. 26-27).

Segundo Žižek (2010), o Imaginário está associado à questão da imagem (visual, sonora e olfativa). Em Ponciá Vicêncio, observamos que as marcas da escravidão, rememoradas pelas lembranças do avô, trazem à tona outros conceitos que surgem, de forma complexa e aleatória, e proporcionam novas compressões às suas ideias ideologicamente construídas.

Quando mais nova, sonhara até outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir para a beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava seu próprio nome. Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. (EVARISTO, 2017, p. 18).

Ao longo da narrativa, Ponciá almeja mudar de nome, pois acreditava que isso mudaria a sua vida. Ao ver todo o sofrimento da família, o homicídio da avó, a morte do avô e a morte do pai, a personagem buscava fugir das regras que eram impostas pela sociedade.

A tríade Simbólico, Imaginário e Real constitui a realidade de Ponciá. Observamos, por meio das suas indagações, que ela não se adequa ao Simbólico da sociedade em que vive, por isso oscila entre o processo de “desintegração e negatividade” (ŽIŽEK, 2006). Diante disso, Ponciá busca se constituir em um outro ser, por meio da negação.

Ao longo da sua trajetória, Ponciá decide romper com o estilo de vida que lhe ofertado para ir em busca de algo melhor. Nesse momento, a personagem viaja para a cidade grande e deixa os seus familiares na vila, mas há uma esperança que parece vencer qualquer obstáculo:

O inspirado coração de Ponciá ditava futuros sucessos para a vida da moça. A crença era o único bem que ela havia trazido para enfrentar uma viagem que durou três dias três noites. [...] ela trazia a esperança como bilhete de passagem. Haveria, sim, de traçar o seu destino.” (EVARISTO, 2017, p.30)

Ponciá tenta se construir dialeticamente num movimento que, ao mesmo tempo, constrói e desconstrói a realidade social: “cansada da luta insana, sem glória”, a que todos os

seus se entregavam, pois “ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova” (EVARISTO, 2017, p. 30). Esses movimentos, dentro do espaço Simbólico da escravidão, são responsáveis pela composição de Ponciá. Isso comprova a impossibilidade da personagem ser completa enquanto sujeito, pois, de acordo com Žižek (2006), a condição de existência do sujeito corresponde a uma busca pela totalidade, caracterizada pela “possibilidade e impossibilidade” de todas as buscas.

Essas lacunas representam o conflito existencial que é a falta – a privação da liberdade e os impulsos materializados nas diversas buscas realizadas durante o processo de completude que desejava, mas para o qual já estava predestinada a não realização. Sobre esse aspecto, Žižek (2010) ressalta que a existência humana está relacionada ao perfeito entrelaçamento das três instâncias, uma vez que o indivíduo transita pelo Simbólico e pelo Imaginário, mas precisa passar pelo Real.

O Real pode ser entendido com um encontro com algo traumático, uma grande perda ou sofrimento, em outras palavras, “o Real é um excesso na realidade que nos circunda e que escapa ao terreno seguro do Imaginário e do Simbólico: sua irrupção é sempre traumática e catastrófica” (ŽIŽEK, 2010, p. 17).

Oliveira (2020) destaca que o encontro com o Real provoca o desabamento da ordem Simbólica, pois este é o momento em que o indivíduo “se desintegra”, isto é, a vida perde o sentido. Há, na narrativa, momentos em que aconteceram fatos que desnortearam Ponciá e a fizeram perder a esperança. Todos, a nosso ver, são indícios do encontro com o Real lacaniano. Um dos mais traumáticos foi o fato de nenhuma gravidez sua ter vingado, visto que todos os filhos que ela tivera morreram:

Quando os filhos de Ponciá Vicêncio, sete, nasceram e morreram, nas primeiras perdas ela sofreu muito. Depois, com o passar do tempo, a cada gravidez, a cada parto, ela chegava mesmo a desejar que a criança não sobrevivesse. Valeria a pena pôr um filho no mundo? Lembrava de sua infância pobre, muito pobre na roça e tema a repetição de uma mesma vida para seus filhos. (EVARISTO, 2017, p. 30).

Durante a narrativa, a personagem sofreu muitas perdas e sentiu muitas dores, mas em todos os eventos traumáticos, Ponciá agiu de acordo com as concepções de Žižek (2010): “quando o homem consegue traduzir em palavras esse Real, ele ressimboliza aquele momento, ou seja, volta para a dimensão Simbólica”. Portanto, observamos que os três níveis da tríade permaneceram entrelaçados, mantiveram-se unidos, formando um nó perfeito, ou seja, o Simbólico, Imaginário e Real garantiram o movimento da existência da protagonista, sendo que os eventos traumáticos não foram suficientes para desintegrar a sua realidade.

Ela sofreu muito. Depois, com o passar do tempo, a cada gravidez, a cada parto, ela chegava mesmo a desejar que a criança não sobrevivesse. Valeria a pena pôr um filho no mundo? Lembrava de sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição de uma mesma vida para seus filhos. (EVARISTO, 2017, p. 70).

Nesse interim, compreendemos que apesar das perdas, Ponciá sustentou a integração da sua vida simbólica, ou seja, ela voltava ao início de tudo, num movimento circular que não resolve os dilemas nem o sofrimento, mas indiciam a perenidade dos problemas sociais enfrentados pela protagonista.

Considerações Finais

Este trabalho permitiu conhecer a história de vida de uma autora negra que escreve sobre mulheres e sobre os problemas sociais e culturais que marcaram/marcam todo um processo de submissão e opressão a que estas foram submetidas, ao longo dos séculos. Dessa maneira, consideramos importante entender como o estilo adotado por Evaristo revela as suas “escrevivências”, tornando-se, assim, uma ferramenta de fazer literário capaz de relatar as dores de uma raça, por meio de uma escrita subjetiva e, ao mesmo tempo, coletiva. Exemplo disso são as referências ao contexto histórico e social marcado pela opressão e privação de liberdade dos negros, durante o processo de colonização e presente no contexto contemporâneo.

Nesse interim, o Materialismo Lacaniano forneceu os elementos necessários para que pudéssemos realizar uma pesquisa diferenciada para a análise da obra selecionada. Adotamos a perspectiva da Tríade Simbólico, Imaginário e Real, para analisar de que forma a existência de Ponciá Vicêncio estava relacionada a esses três níveis.

A personagem se movimenta de acordo com as regras impostas no plano Simbólico, no entanto, parte dos conceitos advindos das várias buscas e tentativas de se ajustar àquela realidade de privação de liberdade posta desde seus antepassados, conforme expresso na narrativa, quando faz referência ao nome Vicêncio: “o dono das terras” e “o dono dos homens negros”.

Nessa perspectiva, associamos o fazer estético da literatura de Evaristo às condições das práticas de produção na sociedade, uma vez que, além da estética, a ciência e a prática cotidianas refletem a mesma realidade objetiva, marcada pelos processos de colonização e pelo desejo de afirmação do reconhecimento dos povos de origem africana.

Em relação aos aspectos do Materialismo Lacaniano, consideramos que a estrutura da narrativa, a partir das marcas da linguagem, revela o “contorno completo do impacto

fragmentador da modernidade” (ŽIŽEK, 2011, p. 52). Nosso intuito foi apresentar os conceitos que envolvem a tríade simbólica para, em seguida, discutir como os elementos que compõem o enredo colaboraram para a análise das agruras da protagonista.

Neste contexto, constatamos que a teoria žižekiana pode ser utilizada para problematizar obras literárias, uma vez que a literatura nasce a partir do contato do sujeito com o espaço em um determinado período histórico. Ademais, nas narrativas, percebemos diversos conflitos que permeiam a própria existência humana.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, C. *Ponciá Vicêncio*. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, C. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. *Revista Palmares: Cultura Afro-brasileira*, 2005.

MACHADO, B. A. Escre(vivência): a trajetória de Conceição Evaristo. *História oral*, v. 17, n. 1, p. 243-265, 2014.

OLIVEIRA, M. B. R. *Entre o amor à Pátria e as teias da violência - o triste fim*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

SILVA, M. C. Maio de 68 e o Século XXI: O pensamento de Slavoj Žižek. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 40, n. 1, p. 22-32, 2018.

SILVA, M. C. *O percurso do Outro ao Mesmo: sagrado e profano em Helder Macedo e em Saramago*. São Paulo: Arte & Ciência, 2009.

ŽIŽEK, S.; GLYN, D. *Arriscar o impossível: conversas com Žižek*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ŽIŽEK, S. *Como ler Lacan*. Trad. Maria Luzia Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ŽIŽEK, S. *Eles não sabem o que fazem: O sublime objeto da ideologia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

ŽIŽEK, S. *Em defesa das causas perdidas*. Trad. Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Boitempo, 2011.